

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

A demolição da Arcada

Os habitantes do Terreiro do Paço — O velho colto dos vigaristas — Da porta ao andar — As diversas especies de engraxadores — A prolixia da demolição

Ora aqui está uma medida com que concordo absolutamente. A demolição das arcadas do Terreiro do Paço, a qual se propõe fazer não sei que entidade mas, em todo o caso, uma deveras benemerita.

A Arcada, como lhe chamam, tem sido o caldo de cultura do peor bacilo português: o da politica. Os países onde os ministerios são distantes uns dos outros vivem na sua intriga tambem mas não a expõem. A Arcada, depois de viveiro dos vibrões é a montra onde eles se mexem, se revolvem, se agitam e donde se transformam de simples espectadores curiosos em inquilinos do primeiro andar e, de seguida, em seus senhores.

A Tarde contava, ha dias, acerca da vizinha da Arcada — a rua dos Capelistas — (a das manobras da bolsa ou a vida) que um policia, mandado para ali, taes olhos deitara para os negocios, taes lições tomara que, dentro em pouco, esquecida a farda, já negociava tambem até ao momento de a despir de vez para envergar as atitudes de pessoa em transe de enriquecer. Um outro habitante da mesma area, fazendo-se acreditar de inspector das transações, conseguiu proventos largos, boas gorjetas que lhe deram vida farta, charutos preciosos, almoços lautos, emfim, a existencia regalada dos que movem o dinheiro embora por conta alheia. É que ele é como o azeite, sempre vai deixando algumas sobras pegadas ás vasilhas. Titularam aquela ultima personagem de *Policia Bera* ao descobrirem que não tinha funções officiais e apenas a esperteza sufficiente para conseguir insinuar-se no animo de quem lhe pagava — julgando-o funcionario — para encobrir tratantadas. Pois o homem foi preso; os outros continuam a captar os empregados autenticos.

Aqui estão dois factos que na Arcada conduziriam estes dois homens habeis muito mais longe.

O policia verdadeiro chegaria a ministro; o falso a ministro chegaria. Nos Capelistas nenhum deles galgará até ser banqueiro porque para o cargo é preciso possuir dinheiro e para sobraçar uma pasta basta saber atira-lo fóra.

A Arcada é um tunel que uns dizem aberto e outros completamente fechado. A Arcada é, neste ponto, como o fato que Bartoldo devia levar à côrte sem ir nu nem vestido. Embrulhou-se numa rêde. A Arcada está aberta a todas as ambições e fechada a todas intenções dignas. É a rêde na qual se envolvem e se arrastam os incautos que admiram aquelas paredes e aquelas pilastras com sustentaculos de altares quando são apenas as estacas do maior vigarismo do orbe.

Contou-me o chefe Jacob — policia de faro fino — que quando queria apanhar algum gatuno daquele genero — do vigario — se colocava diante da estatua do Terreiro do Paço, vestido de saloio, fingindo admirar os ornatos do monumento. Daí a pouco aparecia-lhe o intrujão, entabolava conversa e ia direitinho para a esquadra mal lhe afflorava aos labios a proposta de trocas ou negocios. A memoria — como então se dizia — era o isco. Pois na Arcada, sobretudo na que fica do lado occidental, Jacob, se vivesse, faria a sua colheita sem esforço e salvaria o pais.

Começa-se, por ir pela Arcada passear de bengala, atraz das costas, e sae-se de lá de automovel e com um esquadrão da guarda atraz; apparece-se por ali de botas cambadas e a metamorfose dá-se logo pelos pés, que se calçam de verniz, e sóbe ás cabeças que se encarapuçam de talentos mais frageis e mais falsos que o coiro do calçado. As botas rompem-se mas os sapateiros ficam a engendrar outras que a nação paga visto serem eles os donos da sapataria da Arcada com salão de festas por sobre outros arcos: os da Ajuda.

Às vezes o frequentador do extranho logar não tem ambições; é um provinciano que vem para ali à busca de um vago individuo da sua terra perdido em Lisboa. Já sabe que passará pela Arcada em negocios, em passeio, em traficancia ou simplesmente para comprar selos. Toda a Lisboa, e todo o pais, atravessam aquela floresta abobodada, ao menos uma vez. Não conhecer a Arcada é como ignorar a Azambuja e não ha cerebro de português no qual não se tenha bem gravado o maleficio desse pinhal, de celebre recordação, onde os ladrões saíam ao caminho de trabuco em punho fazendo seu feudo da passagem por taes paragens. O provinciano que vem à Arcada, em busca do seu conterraneo, tambem choca, em seu animo, um receio que logo lhe desaparece. Neste pinhal é-se amavel; estendem-se-lhe as mãos dos habitantes, não para o roubar, mas para o fazer ladrão. O exemplo do seu patricio, saído das berças e alçado à chefia duma repartição, à direção geral do que não tem que dirigir, aos ministerios, perturba-o e o homem, em vez de ir plantar as suas couves, dispõe projectos de lei; em lugar de tratar da sua criação cria impostos; a matança do porco nunca mais a faz porque equivaleria, desde que se empolcigou na Arcada, a um fratricidio.

É daquele corredor sujo, de lagedos puídos pelos pés de vinte gerações, que partem todos os nossos males. Cá em baixo os microbios desenvolvem-se; lá em cima produzem os seus efeitos. Sob a Arcada são os pretendentes; por cima dela são os pretendidos e não ha idiota de manicomio que não tenha sido tratado por sr. ministro nem reporterzeco das

folhas, onde enaltecem macrocefalos, que não tenha gandaiado seu emprego publico. Um dos peores até levantou uma pasta do barril do lixo e de seguida um emprego condigno de sua posição. Sim, meus senhores, porque um homem pode ser limpa-vias ao chegar ao ministerio, mas quando o deixa as suas vias já são aereas; o humilde, plana, e tão alto, que os papalvos cá de baixo nem lhe veem os sapatos ferrados doulrora e nalguns casos as ferraduras.

A Arcada, é pois, a boceta de Pandora da qual saem todos os horrores desde os decretos ruinosos até à pomada avariada com que se dá lustro ao calçado e aos ministros. Espaçados, de quinze em quinze metros, veem-se uns homens ajoelhados diante de outros, sob a Arcada, onde sibila o vento e a intriga ou onde o sol lambe tão docemente as colunas, como os pretendentes as plantas de suas excellencias. Dando o braço, sorridentes e suados, de rastos, os profissionaes da graxa ganham a sua vida; na mesma atitude os engraxadores da politica arruinam a do país.

Aqueles engraxadores de officio multiplicam-se em cardumes na degenerescencia dos que puxam até ao brilho de espelho as vaidades dos que mandam nos nesta terra nascidos, ou por outra, grelados da Arcada, como outrora, após o Carnaval, os tremoços brotavam dos intersticios das vales-tas numa fermentação de montureira sob as bategas de chuva e os lixos lisboetas.

Apear a Arcada é liquidar o basar dos imbecis alçados ao mando; mas, cautela, porque é tambem quebrar o tubo vasto onde vivem os microbios de todos os males nacionaes. A não fazerem esse trabalho com cautelas é melhor não lhe bulirem porque eles se espalharão numa incon-tinencia só egualavel à sua falta de vergonha. O fogo é a profilaxia aconselhada para tão grande cuva de cultura bacilar.

A morte de Teofilo

Uma rapida nota sobre Teofilo — Ao correr da
pena — As suas maneiras de sentir — Um pouco
da sua intimidade — Os grandes amigos

Fui discipulo de Teofilo Braga numa epoca em que estava em toda a plenitude do seu talento o escritor illustre morto, ha dias, na sua casinha da travessa de Santa Gertrudes, à Estrela.

Do meu convivio com ele ficou uma estima que não se desmentiu. Ele nunca me falou das minhas opiniões politicas e nas cartas que me escreveu tratou-me sempre como um liberal dentro da formula que essa palavra tem modernamente: na tradição as maximas conquistas economicas.

Diante de mim apreciou muitas vezes, na sua linguagem pitoresca, a republica e seus homens; os olhos luziam-lhe, a grande cabeleira branca tinha ondeamentos de juba, o seu corpo vibrava extranhamente. Contar o que Teofilo me confidenciava seria desvalorisar um livro a fazer sobre o *Governo Provisorio*, recheado de anedoctas, de traços de julgamentos. A propria atmosfera que o rodeava, na hora em que tomou posse, era a da maxima subserviencia. Ele quiz quebra-la e passeando-se a pé pelas ruas, entrando nos mesmos livreiros, tratando com os mesmos amigos desmanchava as etiquetas. Um pobre continuo medroso, todos os dias tapava com as margens das estampilhas, que sam para o ministerio, as corôas reais das cadeiras. Tambem todos os dias, com a sua raspadeira, Teofilo, pacientemente, os deslocava, acabando por dizer ao homem: Não torne a cobrir as corôas porque eu tenho mais que fazer do que as destapar. Qualquer dia perde-se a beleza do entalhe, disse-me serenamente a repotrear-se numa poltrona na sala do Conselho do Estado.

Quando deixou de chefiar o ministerio, findo o governo provisorio, encontrei-o na loja do livreiro Anselmo. Estavamos defronte da *Lucta* e ele descreveu-me a republica arranjada pelos que o excluiam da presidencia que sempre julgou lhe seria outorgada.

—A republica, meu amigo, era um caldo substancial feito para o povo com a agua que creava as couves numa horta magnifica... Jorrava limpida e fresca, alimentava as verduras e tudo ia bem... Mas, meu amigo, tem duas lagartas as couves... O Camacho e o Antonio José...

Eu disse-lhe, então, da grande acção do dr. Almeida, das suas audacias, das conspirações; mediu-me, irritou-se e concluiu:

—E' que você só os vê na historia e eu vi-os na intimidade... Não fazia segredos de suas opiniões. Tinha fama de não gostar de ninguém, jamais recusou o seu auxilio aos que considerava amigos, que eram poucos, bem sei, mas fieis, contando-se, entre eles, Agostinho Fortes e Bensabat como os mais achegados.

Vivia numa meia luz, agora que estava quazi cego, a sua irritabilidade aumentava; já não poupava ninguém mas guardava consideração por aqueles que o defendiam até do seu peor inimigo que era ele proprio. A sua memoria era esplendida e basta um facto para o atestar. Em 1906 eu escrevi um artigo na *Ilustração Portuguesa*, àcerca do sabio com o qual estivera durante cinco horas sem que uma só visita chegasse. Era todos os dias assim, o que lhe permitia trabalhar. Terminava deste modo a narrativa:

—E áquela porta não bate ninguém...

Chegou-se a 1910. Teofilo encontrou-me e de repente exclamou:

—O' meu amigo... Se você lá fosse agora veria como eles batem...

A quatro anos de distancia Teofilo guardava essa recordação vivissima e eu guardei a sua gentileza quando da minha entrada na Academia mas isso fica para o proximo numero quando o descrever nos *Bastidores da Historia Contemporanea*.

Por agora, sei que o velho morreu num desamparo a que ele proprio se votara. Quazi ninguém de novo batia à porta; dera uma chave à vizinha que o foi encontrar morto sobre o leito. Não estava só, todavia. Morreu no meio dos seus mais numerosos, mais fieis e mais belos amigos: os livros.

Os trabalhistas e o futuro da Europa

O grande problema da vida moderna — A acção lenta dos revolucionarios ingleses — O que succederá se a Russia se mantiver — A queda dos millionarios — A era das dictaduras

O rei de Inglaterra não é mais do que o fiel da balança das opiniões de seu povo, pago com uma boa lista civil. As eleições demonstram que a nação prefere aos *lords*, com todas as suas pompas, a blusa dos trabalhadores, que ás catilinarias furibundas dos politicos de officio antepõe, numa esperança, as soluções práticas dos homens do labor e o seu dever é chamá-los ao poder. Se não o fizesse, S. M. Jorge V teria realisado um golpe de estado e isso é possível apenas quando se sente perigar não o trono mas a hegemonia da Inglaterra no universo.

Estão, pois, diante da maioria de seus votos e de sua acção parlamentar, os trabalhistas no poder, e, como na Grã-Bretanha os homens não são apenas cabides de dominós de várias côres, o programa do partido vai ser aplicado.

Em Portugal, por exemplo, o que sai das bôcas e as atitudes que se tomam, raramente correspondem a uma sincera maneira de sentir. Por exemplo, ha democraticos que fazem da democracia a idéa de seu dominio exclusivo. São a maioria. Nacionalistas existem — querendo ser conservadores — que se esganiçam a barafustar contra a propriedade; monarchicos que só empregam em seus bancos, empresas e companhias os revolucionarios; catholicos que votam com os defensores da lei da Separação; anarquistas a sôlto dos jornais da moagem; presidencialistas que acham os realistas constitucionais reacionarios, e radicais que engrossam bons pés de meia. Quando, em certo dia, eu, para ouvir um dos mais ricos jacobinotes, falei na abolição do direito de herança, o homem, deixando cair da boca o charuto caro, o seu luxo, como dizia, berrou: Você não pensou no que disse... Irra... É para quem ia o meu dinheiro?...

Para o Estado, volvi com uma grande troça no rosto e um argumento formidavel a esmagar o adversario:

— Pois, se pelos seus principios, o rei não pode deixar a corôa a seus filhos, se a herança régia é um absurdo, como quere você, republicano, radical, extremista, legar aos seus as corôas que possui?

Já endoidecendo o prócere do regimen, porque, em sua consciencia, êle é mais conservador do que eu, pois muito tem que conservar. O que êle afixa é um rótulo; mais nada. A maioria é assim em Portugal.

Não sucede, porém, o mesmo na positiva Inglaterra das suseranias, das esquadras poderosas, das tradições aferradas, que põem nas cabeças de seus magistrados as cabeleiras pomposas do seculo XVIII e revestem de insignias arcaicas os seus *lord-maiores*. Os trabalhistas são-no de verdade, e o seu mandato, que o frio povo britânico não saúda com bombas e morteiros, vem de muitas almas, das minas subterrâneas, dos trabalhadores dos mares, dos carregadores das docas, dos explorados, dos que labutam nesse país imenso para tornar a Inglaterra rica e alguns ingleses milionários. Vem de mais longe ainda. O mandato desses intellectuais do trabalho vem da propria justiça humana. Eles respeitarão as tradições politicas mas não pouparão as grandes fortunas. O rei ficará no seu trono mas os poderosos senhores do capital terão que distribuir um pouco com os seus auxiliares. O estado é governado pelos socios, sem quota, de todas as grandes empresas; elas terão que recompensar aqueles que, armados apenas da sua fixa de voto, demonstraram desejar mais alguma cousa do que os *schellings* da fêria, os hospitais para a sua doença, o asilo para a sua invalidez. Aquela subida dos trabalhistas ao poder, pode ser a ruina da Inglaterra, como nação dominante, mas é um facto que deve influir muitissimo no futuro do mundo.

Eu, dêste cânto do Estoril, num dia de sol que entra pela janela da minha casa humilde, escrevo desapaixonadamente, e, se abordo este assunto, é apenas para o fixar. Talvez que o futuro dê razão ao que julgo ser a logica, ao que antevejo a preparar-se. Lá longe, nessa Londres gélida, onde agora cai neve e as luzes estão acesas, mal perfurando o nevoeiro cerrado, está a escrever-se uma das mais singulares paginas da historia do mundo.

Os trabalhistas vão reconhecer a republica sovietica. A Inglaterra acreditará, na sua capital, uma legação russa, e, dentro em pouco, os outros paises, ambiciosos dos negocios a fazer com essa nação, onde se deu o grande golpe na burguesia, seguirão o exemplo da Grã-Bretanha.

É o campo aberto à propagação duma vida nova e as imaginações deter-se-hão a sonhar, como outrora, no anno 1000, quando se dizia que o mundo ia acabar e que no céu se premiariam as bondades praticadas em agonia. Pois bem. Os sacerdotes da nova religião — implantada no Oriente, como nele nasceu o Jesus das palavras de fraternidade e igualdade — oferecem-nos aquilo que os outros, só depois da morte, concediam. Os adeptos serão aos milhares, aos milhões e tudo se transformará. Depende muito do que os russos fizerem na sua vida interna — agora que Lenine morreu e lhe disputam a herança da dictadura — o futuro da humanidade.

Ou a Russia se envolve numa guerra de caudilhos ambiciosos e a monarchia se reimplanta, deixando, todavia, aos aldeões as suas regalias civis e a propriedade que se distribuíram ou os seus homens se unem e a face da Europa terá que se adaptar um pouco ao seu modelò, sobretudo se em Inglaterra se aguentarem esses trabalhistas, que teem no seu programa — embora benignamente traçado — uma semi-socialização da terra, das fábricas, das poderosas companhias de toda a especie.

Um grande e doloroso grito deve subir — a esta hora — em Londres e em toda a Grã-Bretanha. Sob o nevoeiro cerrado não se vê quem o solta. Ele parte das gargantas capitalistas afflictivo e desesperado. Na Irlanda uma esperança enorme renasce e nas colonias desta Roma do Milhão, dêste Imperio da Libra e da Industria deve haver uma estranha

espectativa. A ameaça é intensa; é forte; surge de forma bem diferente á usada pelos russos. Não ha sangue, por enquanto; é uma questão de votos, de cumprimentos e de principios. Uma fleugma eterna — bem britanica — preside a esse governo dos humildes, e as mulheres, que fazem parte do parlamento, tanto o sentem, que acabaram, ha dias, de se fotografar, juntas, a duquesa de Atholl ao lado da costureira eleita, a grande dama de fisionomia feliz na camaradagem da obreira de rosto dedado pelas lutas da sua existencia de miseria e de apostolado.

O problema está em equação. Ou a queda dos milionarios, que acompanhará a decadencia da Inglaterra abalada em seu imperialismo, porque a desordem chega fatalmente com as sacudidelas nas instituições seculares, ou a transigencia deles nalguns pontos e um mundo mais equitativo se edificará. O homem, porém, é egoista e ambicioso. Depois de possuir uma parte do capital, querê-lo-ha todo, e, daí, o desmanchar do resto, porque esse equilibrio desejado para a felicidade humana é o grande, o incomensuravel X desse problema algarismado na Inglaterra positiva e na Russia mistica.

Na Italia ergue-se o braço de ferro que trava as largas ambições de revolucionarismo, pois deseja o justo equilibrio. Vai vencer? Vai ser vencido? Tudo depende dos dois grandes movimentos a dar-se na ilha, que Napoleão — o maior dos dictadores — queria destruir, sem adivinhar — ele, o genio — que o germen do aniquilamento dessa nação estava em si propria; tudo depende da attitude de que os russos do poder se vão revestir após a morte do seu chefe. Mas o que se vê, claramente, o que se esboça, é a luta, não já de povos pelas conquistas de fronteiras, mas da humanidade em busca de novos direitos.

Os soldados dessa causa não estão nos mesmos exercitos; eles existem nas mais diversas camadas e em todos os paises, de forma que se torna difficil vencer pelas armas uma guerra, onde os inimigos se mostram nas proprias fileiras dos atacantes.

Em todo o caso, é certo que as grandes fortunas, os senhores das maximas riquezas terão, duma forma ou doutra, que ceder, como outrora os nobres, ante a idéa da igualdade e jámais reconquistarão seus predomínios. A hora aproxima-se; o tumulto vai dar-se, e, como a implantação desses regimens demolidores, a subitas, arruinam as nações, elas se defenderão, caindo nas mãos dos que — dictadores de qualquer ordem — não queiram os males dos humildes para as pompas dos ricos, nem o esmagamento de um ser em holocausto a outro, dentro da moral cristã — no fundo a dos igualitarios — mas sob a mão justa dum chefe. As formulas mudaram; após a tormenta — a resolução da questão social — voltar-se-ha à tradição com as correções da nossa epoca e do nosso sentimento e as monarquias serão mais possiveis, pela ligação ao passado, a um equilibrio social, de hoje, mas terão que ser a expressão do maximo bem-estar no maximo do respeito, da maior liberdade no maior acatamento, para viverem e engrandecerem, na beira dos tronos, os povos movidos menos por uma idéa de conquista do que por um principio logico de humanitarismo.

Ou sucederá assim ou voltar-se-ha à barbaridade dentro de um seculo.

O snr. Sergio, quiere ser atheu, graças a Deus

O homem das três opiniões diárias — O intelectual e o demagogo — A Academia Baptista
— Das violas na alma dos ministros — O da negra sina

Em Portugal oscila-se entre o tragico e o comico. Ou se mergulha no sangue ou na chalaça; ou sôa o canhão ou a bexiga de porco nas costa dos parceiros. O que se passou ha dias com o sr. Antonio Sergio, grão da *Seara Nova*, triturado nas mós da governação, apesar de socio da Moagem (vide *Correio da Manhã*), veiu recordar-me um falado romanceco de Paulo de Kock: o *O Homem dos Trez Calções*. Este improvisado ministro, antigo official de marinha que despiu a sua farda, em 5 de Outubro, e foi trabalhar para o Brasil, afim de não servir a republica, pode chamar-se *O Homem das Tres Opiniões*, pois nada menos exteriorisou no mesmo dia, pela manhã, á tarde, e á noite.

Dera-se um incidente no ministerio da sua direcção. A esposa do titular da pasta, cheia de nobres sentimentos catolicos, deliberou convocar, para o proprio gabinete do marido, as datilografas das diversas repartições afim de lhes falar de cousas cristãs. Digna senhora é esta que se expõe ás vaias jacobinas, no proprio antro dos chacais, para espalhar suas crenças, presa num belo idealismo de que parecia compartilhar seu esposo, pois do contrario não deixaria fazer semelhante propaganda na sua presença nem mesmo tocado, como os prefeitos romanos do paganismo, pela divina graça.

Numa dada hora o ministro da instrução era catolico e tanto, que atrapalhado e cheio de irritação, nos Passos Perdidos do Parlamento, como um martir aguardando o ser lançado ás feras, esperava o ataque num nervosismo a que faltava a fé. Todavia, ele exteriorisava-a, nestes termos, a um redactor da *Epoca*:

— *Minha mulher, costumada a viver em paises civilizados, entendeu e muito bem, que em Portugal era necessario divulgar essa admiravel obra internacional chamada Protection à la jeune fille . . .*

— *Conhecemos. E' uma obra cristã, catolica, que nascida em Fribourg, Suissa, tem espalhado por todo o mundo os seus enormes*

benefícios. A Epoca já se tem ocupado dela. E em Lisboa, ha já uma sucursal instalada.

— Mas é indispensavel difundi-la mais e mais. Foi esse o fim da reunião.

— ... que produziu grande celeuma nos arraiais republicanos ...

E o sr. Antonio Sergio, não podendo occultar a sua magua, atalhou:

— Que país este, que país!

— Descontente, então, V. Ex.^a sr. ministro?

E a despedir-se:

— Vou lá dentro vêr se já chegou a hora do ataque ...

E repetiu a frase:

— Que país este! ...

Eis, leitores, o que ouvimos do sr. Antonio Sergio.

Registamos e não comentamos ... »

Pois sim; mas pouco antes, um redactor do *Diario de Lisboa* tambem registava e não comentava, outra sua maneira de vêr:

«Falou-se numa propaganda catolica ...

— Eu sou ateu. Tenho-o declarado nos meus livros. Que me importa a mim, o pensamento religioso que cada um tem? Outro dia fui acusado de protestante por ter utilizado os serviços dum homem do Triangulo Vermelho, que prestou brilhantes provas no Liceu Passos Manuel!

— O incidente ...

— Não ha incidente algum. Essas senhoras procederam lealmente. Não foram atacar o prestigio da República, nem se esconderam para realisar os seus actos. Fala-lhe o ministro, que o homem, o pedagogista, teria que estranhar e condenar mesmo certa gente de mentalidade primitiva.»

O ateu — segundo os seus livros — acha, todavia, «NECESSARIO DIVULGAR ESSA ADMIRAVEL OBRA INTERNACIONAL CHAMADA *Protection à la Juene fille*» e que é um grandioso trabalhos dos catolicos.

Nós compreendemos isso; procuramos mesmo simpatisar com esta liberdade concedida por um ateu, digamos mesmo, por esse incitamento dado por um ateu à obra dos grandes catolicos. Ha, porem, que recordar — e quem o relembra são os republicanos — ser o Estado neutro em materia religiosa no papel da Constituição mas, no fundo, ateu, maçónico, intolerante. Ora o ministro pode ser ateu, até maçom mas tolerou aquilo que os jacobinos mais detestam primeiro ainda do que outras duas correntes: o monarquismo e o sidonismo.

Claro que o grão da *Seara Nova* ao aceitar a pasta aceitou a *Sementeira* embora não esteja isso muito de acordo com as suas ideias de pedagogo:

O' escolas sameai

O' escolas sameai

Eram os desta *Sementeira*, avós da *Seara*, sem Deus nem Religião e uma confusa batalha de principios brame entre o ministro e os seus novos correligionarios, porque o são, esses jacobinos, embora ele clame

«que país este, que país!» habitado por «certa gente de mentalidade primitiva».

Afeito ás grandes civilizações o titular da instrução, furioso e cheio de desdem pelas «mentalidades primitivas» onde foi à noite, desse mesmo dia de tantos sobressaltos, procurar o meio proprio para suas manifestações intellectuais? A' Academia? A' Universidade? Ao seio da propria Seara? Ao seu quarto do Borges, ninho de Minerva onde pernoita e sonha tanta sapiencia? Não. Mais longe, mais alto, senão a mais sabias e a mais sabidas gentes: ao Centro Antonio Maria Baptista.

Esta agremiação não é, como se pode imaginar, um club militar, apesar de ter por socios soldados e marinheiros dos que em 5 de outubro, o sr. Sergio desdenhou o comando, porque eles tinham tiroteado o paço real e proclamado a republica ofendendo suas crenças, tradições e preconceitos de casta.

O Centro Antonio Baptista é o baluarte das reivindicações ultra-democraticas, que não comportam o catolicismo, não atendem as liberdades de consciencia e tem por Deus o Senhor Afonso Costa e por seu profeta o Senhor Antonio Maria da Silva, que, como se sabe, adocece cada vez que vê um nuncio e se constipa ao topar o mais modesta sacristão. Não, florescem ali sabios experimentados, pedagogos, matematicos, historiadores mas eriçam-se cidadãos com experiencia das bernardas das ruas, cultores da pedagogia do tiro, geometras do explosivo e suas trajetorias e cujas historias se cifram em amar a republica, tal como a entendem, sobre todas as cousas e a Lei da Separação como a ele mesmo.

Entre estes intellectuais, o sr. ministro falou; expoz a sua terceira opinião desse seu amargurado dia de homem livre de coherencia: *depois de declarar ter sido amavelmente convidado a assistir aquela festa, a que acedera gostosamente, reivindicou os direitos que a sua obra pedagogica grandemente democratica, embora ainda pouco divulgada, lhe dava.*

Seguidamente, afirmou os seus propositos de tornar a intrução extensiva aos filhos dos pobres, criar escolas profissinais que dêem braços para a produção e aumentar as propinas das Universidades, a fim de dificultar o já contagioso doutoramento das classes abastadas, ao passo que se dariam todas as vantagens aos filhos dos pobres onde o talento fulgurasse.

Finalmente, foram dados vestidinhos a 42 crianças, tendo o sr. ministro da Instrução feito a distribuição respectiva.

Nos intervalos um quarteto de violas executou o hino Nacional.

De manhã é a pura essencia do catolicismo propagandeando a obra religiosa, à tarde é atheu; à noite é democratico como pedagogo e inimigo dos doutores de familias ricas cuja extinção preconisa com o aumento das propinas com o que—oh! paradoxo extranho deste grão da Seara que a moagem aguarda!—só dificulta a instrução de quem não tiver dinheiro para as pagar.

Esta ultima maneira de vêr, porem, quero perdoar-lha do intimo de alma. Não é de balde que um quarteto de violas, tocando a *Portuguesa*, se coloca diante de um ex-monarquico que largou a sua farda na hora em que a velha instituição findava, de um catolico matutino e de um civilisado extreme que sabe esse fado, feito por um alemão, tem tanto de poetico como de barbaro, pois é contra a Inglaterra, tão sua amada e serve de hino áqueles que desdenhosamente, capitula de «certa gente de mentalidade primitiva». Pois, a continuar assim, será

essa, que tambem no mesmo dia, a imita-lo terá tres opiniões a seu respeito como de resto manifestou ao soltar as invectivas na propria casa para onde o convidou. De manhã espreita-lo-há, à noite embaralo-há livrando-o de comandar os marujos mas para o tornar seu prisioneiro.

Das consciencias moveis a negra sina é esta.

P. S. — No dia seguinte ao do acabamento destas linhas uma nova onda de riso gargalhou parando a tragedia que eu esboçara. É que o cumulo do patusco invadira os proprios deputados os quaes teem muito que rir de si mas não se contiveram ante o ultra-comico da situação.

O senhor Sá Pereira — que na Camara mantem o tipo jacobino, a desaparecer nas regiões da alta politica para ficar apenas na rua, até vê — interpelou o ministro acerca das reuniões religiosas em seu gabinete realizadas. A formula do senhor Sá Pereira é aquella que animava um mercieiro de Santos, chamado Agostinho Manuel de Souza, que tirou o retrato nú e de barrete frigio: «o ultimo rei enforcado nas tripas do ultimo padre».

Eis o que esperava no Coliseu de S. Bento — digo-o na acepção do martirio dos cristãos — o senhor Antonio Sergio. A fera abria os colmiellos e toda a gente esperava ve-lo devorado ou que se desse um milagre, como nos ultimos anos do dominio dos pagãos em Roma. Sabe-se que os leões, fartos de sangue, deixavam em paz as vítimas, que mantos de luz defendiam as virgens, que o ceu intervinha para salvar seus eleitos. Era o que esperavam os deputados católicos, até certo ponto os monarchicos e os ministros da Seara. Mas não foi o ceu que fez o milagre; foi o inferno que se apossou do homem livre das opiniões permanentes porque despertar o riso, inundar de comico, de jogralismo, um politico, só pode ser obra do diabo. Antes os marujos e os porões, antes essa toada de tragedia de que a bexigada.

Eis um trecho do extrato da sessão em todo o seu sabor:

«O sr. Antonio Sergio, falando ainda sobre a reunião que se ejetuou no seu ministerio, declara que ela não teve um caracter de propaganda religiosa.»

Prosseguindo nas suas considerações, o ministro diz que não sabe se ele proprio, que é ateu, se pode chamar cristão.

O sr. Sá Pereira:

— Se V. Ex.^a é ateu, não pode ser cristão.

Risos. O orador continua, pondo a questão no campo doutrinario.»

É o caso daquele outro que não se fartava de acentuar suas ideas:

— Eu sou ateu e graças a Deus heide se-lo sempre...

Todavia, para o jornal onde se refere tal dialogo de intermedio de outra especie de Coliseu, a vítima de tanto riso continua, noutro artigo, é certo, a ser considerada superiormente inteligente.

É uma compensação, que o filho do algoz — o meu bom camarada, o jornalista Sá Pereira — oferece ao imolado sempre firmes opiniões paternas.

Camões—Camoës... as

A data do nascimento do poeta — Como se fazem decretos — O indocumentavel — Os vindouros e uma certidão official — O ex-ministro da Instrução e o vate

Uma das grandes leis que preside á republica é o acaso. E' preciso mudar a hora porque lá fora se deliberou, logicamente, faze-lo vai-se aos relógios e dá-se-lhe uma volta; um gramático azucado lembra-se de revolvêr a ortografia, e, sem mais razões comem phh ii gg oo ss e lam-bem os assentos numa voracidade de quem ha muito esperava taes mimos. Quando falta qualquer cousa decreta-se. Não ha, por exemplo, herois. Pintam-se. Faltam coloniais, repintam-se. Desapareceram sabios, decreta-se que êles existam e revestem-nos de varias ordens militares e civis de côres variegadas o que faz dizer aos estrangeiros quando os pseudo sabios estão parados:

- E' porta de drogaria?
- Não senhor é um genio...
- E não distingue?
- Nem por isso...

O *Diario do Governo* é o repositório dessas promoções, dessas classificações, dêsses exageros e quando não é no órgão oficial que se chancelam tais dislates, os jornaes se encarregam de espalhar suas resonantes facecias: Lisboa, a cidade mais republicana da Europa. Pintada como os coloniais, como os herois, como os sabios, com tinta de má cola adesiva. Alfonso Costa, o maior estadista do mundo. Tratando-se do que é dirigido pelo sr. Urbano Rodrigues já o foi; tratando-se do orbe é como se pintassemos taes dizeres nas ondas vcluveis do mar alto.

Como se ignorava a data em que nasceu Camões — o poeta da epopêa, que morreu na miseria — decretou-se que é a de 5 de Fevereiro de 1524.

Durante muitos seculos os investigadores mais illustres do Portugal de outras epocas e muitos estrangeiros procuraram essa data. Foi tudo de balde. Camões teve uma vida agitada, estudou no Collegio de Santa Cruz, de Coimbra, e na Universidade; todavia, ou ainda não se procurou bem ou desapareceram os livros onde se inscreviam os nomes dos escolares. Por lá andou poetando e amando, batendo-se, até que entrou na côrte onde a mesma vida continuou; fez-se militar, partiu para Ceuta e ali perdeu um olho, cuja falta lhe tornava menos bela a fisionomia, mas

não alterava seu genio. Tratando desta perda do grande vate, já um brasileiro de nomeada demonstrou, um pouco gaiatamente, o que acima fica expresso:

*Camões, poeta zarolho
E fidalgo portuguez
Via muito mais com um olho
Do que nós com todos tres.*

Decorreu em outras amarguras a existencia do autor dos *Lusiadas*, não deixou de amar, de se bater, de versejar com lustre, de criar renome e de procurar, no ultramar, um emprego. Foi provedor mór dos defuntos e ausentes em Macau e nesse cargo só sofreu dissabores.

Teve quem pedisse esmola para ele: um negro, ao qual os brancos nem sempre atendiam. Finou-se num casebre da calçada de Santana, junto de sua mãe e do escravo amigo, aquele que foi a maior gloria literaria de Portugal.

Tudo isto se sabe e se documenta, mas o que se ignora é o dia do seu nascimento. Nessa conformidade ninguem se prende mais com duvidas. É simples; decreta-se. Diante duma vaga fantasia obteem-se certas e imediatamente ha quem não queira deixar de passar em claro a hipotetica hora da vinda ao mundo do genio. Atira-se a idéa e decreta-se, porque, se a maioria dos que aprovam tal data nunca leu os *Lusiadas*, em compensação tem idéas assentes sobre o poeta, que para eles foi um homem que não tinha um olho, ao qual fizeram uma estatua num largo, que antes se devia chamar estreito. Em 1890, cobriram-na de crepes, dando motivos a chascos, pois o bardo parecia uma viuva.

Eis o que a maior parte dos portuguezes sabe de Luiz de Camões, acrescentando-se a isto algumas cantigas do fado e duas piadas da *Viagem à Roda da Parvonía*.

Ignorar-se a data do nascimento de Camões não quer dizer que seja falta da sciencia de investigação, mas arranjar como uma certa aquilo que um grande homem julgou apenas possivel, pois não o pode provar, é realmente falta de senso. Para os vindouros licará na treva a verdade perfeita daquela data, mas saberão, ao menos, quem lhe passou a certidão de idade official.

Foi um quintanista de medicina, que, por seus talentos de certo, já superintendeu em Universidades, Escolas Superiores, Academias — um alto valor, como se vê — pois foi ministro da instrução. E, se não houvesse outro motivo para eu reparar em sua declaração camoneana, bastaria a comparação das silabas do seu apelido com as do poeta, para verificar que nalguma cousa se assemelham. Senão vejamos:

Camões
Camoés... as

Se tivesse o *til* e menos as no apelido, até podia jurar ser da descendencia do homem que só deixou um filho: *Os Lusiadas*

Os "fidalgos" de armas falsas

Os anéis das pedras de armas — Os grandes exibicionistas — O decreto de Mussolini e os "nobres" — A sua aplicação em Portugal e a ruína de Freire Gravador — O melhor braço

Mussolini, um destes dias, mandou vir o *Anuario da Nobreza Italiana* ao seu gabinete do palacio Chigi, e sorrindo ante um grande numero de paginas dêsse *Livro de Oiro*, exclamou:

— São muitos...

Imediatamente mandou lavrar um decreto pelo qual seriam encarcerados todos os que se titulassem de nobres sem terem fundamentados pergaminhos. É esta uma maneira de honrar a verdadeira aristocracia e de expulsar da nobresa aqueles que nela se introduziram com certificados falsos ou sem o menor direito.

Julgo difficil pôr em execução essa lei numa terra onde certo rei, numa grande gratidão ante o seu povo que o aclamava, gritou da varanda do palacio:

— *Tutti marchesi!*... Todos marqueses!

Os descendentes dêsses plebeus, entusiasmados com seu soberano, mesmo os dos que lá não estavam, pois não se lavrou acta dos nomes dessa turba lasaronica, podem alegar titulos de nobreza desde que se siga à letra a tradição de que palavra de rei não volta atraz. Mussolini, porém, homem de dialetica e de espirito, poder-lhes-ha responder:

— Sim, mas os titulos foram dados só numa vida...

Se fôsse possivel aplicar em Portugal aquele decreto, não chegariam as cadeias de todo o territorio da republica, nem mesmo os presidios africanos para os alvejados. Quasi todos os portuguezes usam anéis de armas, alguns dos quais, por seu exotismo, os tornam descendentes da celebre rainha Ginga. Ha, porém, os que se apossam de braços conhecidos e até historicos, e, sem falarmos no senhor conselheiro Bernardino Machado, que tem em seu escudo os sete machados, com que o cavaleiro de Afonso Henriques abriu as portas de Santarem, ha quem, só porque se chama Pereira, traga no lenço, na vareira e no anel os castellos das armas do Condestavel. Qualquer Cunha, de pais mercantes, arvora as armas dos nobres condes dêste titulo, e o mesmo sucede em relação

aos Albuquerque e Castros, embora de origem de artifices, desde que se apanham com dez mil rês para comprar os aneis, na loja do senhor Freire Gravador, que vende nobresas em aço, como certos profissionais da obstetricia refazem honestidades em cautchouc.

Eu reparo sempre nas mãos das mulheres, porque muito gosto de vêr em seus dedos afilados e em sua pele branca, senão revelações de estirpe, ao menos seus cuidados, seu character e suas tendencias. Não deixo, tambem, de olhar as mãos masculinas, não porque me interessem seus detalhes, mas para espionar os aneis. Quasi todos usam brasão, e eu entretenho-me a meditar, e por vezes em cogitações profundas, onde iria aquele agiota, aquele vinagreiro, aquele capelista arranjar parentescos de tão grande casta, e, como as investigações levam longe os imaginosos, chego quasi a compreendê-los, embora com a barra da bastardia, ao mesmo tempo que duvido, já se vê, do acerto de suas mães ou avós.

Ha armas terriveis com legendas estranhas: as de João Lourenço da Cunha jámais esqueceram; veem na historia. Apareceu na cõrte de Castela quando soube D. Fernando de Portugal amante da mulher, da *Flôr de Altura*, arvorando *cuernos de oiro*. Pois nem essa Jocosidade dramatica do marido de Leonor Teles, enganado, tem escapado à furia de outros Lourenços.

Dos titulos, então, nem se fala. De repente, um homem que deixamos, na vespera, plebeu dos quatro costados, aparece-nos de estirpes heraldicas, e um bom comerciante, que suou cincoenta anos sobre os linhos, dá filhos de alta nobreza. Estes, ao menos, tiveram suor na linhagem.

Chegou-se, em plena republica, ao exagêro. Como não se reconhecem as cartas de nobresa, cada um titula-se como quer, e ainda os que nos governam não viram como seria uma admiravel e pingüe fonte de receita alcavalar de decimas fortes tão noveis barões, viscondes e até marqueses.

Chamar-se-ia a isto um imposto de respeito para suas excelencias. A republica, porém, não toma essa atitude, porque, como toda a gente exhibicionista vai aderindo, ela mantem a ilusão de conquistar para o seu pessoal autenticos fidalgos, quando não passam de contrafações.

De resto, é o que succede ao proprio regimen destrambelhado, que, como aqueles exploradores do brasão, usa um titulo suposto.

Até para acabar com os impostores nos faz falta um Mussolini, esse ao menos nascido do povo, cheio de orgulho por isso e não quer ser primo dos Saboias. É um brasão como outro qualquer mas honestamente gravado na sua biografia.